

OS ESTUDOS DA EDIÇÃO EM DIÁLOGO COM O CAMPO IBERO-AMERICANO DA COMUNICAÇÃO

José de Souza Muniz Jr.

■ Doctor en Sociología y Máster en Ciencias de la Comunicación, con Grado en Edición por la Universidad de San Pablo (USP), y periodos de prácticas de investigación en la Universidad Nacional de Quilmes (UNQ) y la Universidad Estadual de Ceará (UECE). Trabaja en el Centro Federal de Educación Tecnológica de Minas Gerais, donde ejerce actividades de enseñanza, investigación y extensión relacionadas a mercado, prácticas y proyectos editoriales, en perspectiva comparativa.

■ Email: jmunizjr@gmail.com

Iñaki Vázquez Álvarez

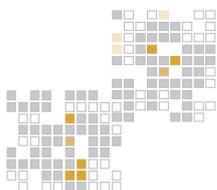
■ Doctor en Empresa, Máster en Marketing e Investigación de Mercados, y Profesor Serra Húnter en el Departamento de Organización de Empresas de la Universitat Politècnica de Catalunya. Su área de investigación está relacionada con el análisis mesoeconómico de las industrias culturales, y en concreto la industria del libro, sobre la que ha publicado diversos artículos tanto en revistas profesionales como académicas. Ha sido consultor, y director de marketing y ventas en diferentes proyectos editoriales. Desde 2011 dirige el repositorio de información sobre la industria del libro www.valordecambio.com

■ Email: Inaki.vazquez@upc.edu

Daniel Badenes

■ Doctor en Ciencias Sociales. Profesor de la Universidad Nacional de Quilmes (Argentina), donde dirige el proyecto de investigación "La edición en la era de redes" y se desempeña como Secretario Académico desde 2021. Realizó numerosas publicaciones en libros y revistas. En el ámbito de los estudios de la edición, es compilador y coautor de *Editar sin patrón* (2017), *Estado de feria permanente* (2019) y *El Estado editor* (2024).

■ Email: dbadenes@unq.edu.ar



OS ESTUDOS DA EDIÇÃO EM DIÁLOGO COM O CAMPO IBERO-AMERICANO DA COMUNICAÇÃO

Nas últimas cinco décadas, e em particular nos primeiros anos do século XXI, foi se conformando um campo interdisciplinar de estudos sobre a edição. Essa tradição de estudos, que tem uma importante trajetória no mundo francófono – e também no mundo de língua inglesa – mostra agora um significativo desenvolvimento no âmbito ibero-americano, onde diferentes disciplinas têm abordado, de forma complementar, o setor editorial e suas transformações, os distintos agentes e suas práticas, a dualidade do livro como objeto econômico e cultural, e a edição como forma de mediação. Estas páginas da *Revista Latino-Americana de Ciências da Comunicação* permitem visualizar as afinidades entre esses estudos e o campo acadêmico da Comunicação, com inquietações que têm longa data e que se atualizam no contexto da convergência e da transformação digital.

Os sete artigos que compõem o Dossiê refletem a produtividade desse diálogo para pensar as problemáticas dos agentes desse campo (inclusive a vigência da teoria bourdieusiana, bem como suas frutíferas releituras e atualizações) e as convergências entre a indústria cultural e outras indústrias culturais. Complementam este conjunto a entrevista de John B. Thompson (autor conhecido nos cursos de Comunicação por obras como *A mídia e a modernidade*, e que nos últimos 20 anos tem se dedicado à análise da indústria editorial) e a seção Estudos.

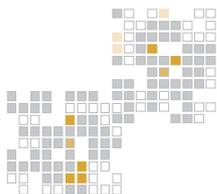
Uma primeira entrada possível aos estudos da edição é a chave histórica. Nesse plano se situa o artigo de Nuno Medeiros, da Universidade de Lisboa, que reconstrói e analisa a publicação da Coleção Azul pela editora portuguesa Romano Torres, desde a década de 1930 até 1967. Obra do editor Carlos Bregante Torres – filho do fundador

e figura mais importante do selo –, essa coleção de literatura classificada como sentimental foi uma das mais importantes de seu catálogo. Ao focar as relações entre Bregante Torres e a Librairie Tallandier, o artigo permite pensar dinâmicas vinculadas à aquisição de direitos e à tradução, bem como a configuração de mercados linguísticos, com questionamentos que têm plena vigência na atualidade.

Outro artigo com perspectiva histórica destaca uma figura relevante do campo da Comunicação latino-americano, Néstor García Canclini, com o objetivo de levantar questões sobre seu papel como editor. O percurso é interessante, pois, embora essa palavra nunca tenha sido utilizada por ele para se autodefinir, García Canclini desenvolveu trabalhos editoriais significativos, desde a publicação em castelhano de *A vida moral do adolescente*, de Pierre Furter, em 1968, até sua participação (mais conhecida) na coordenação de revistas e coleções.

A figura do editor e seus alcances atravessa todo o dossiê e se atualiza com questionamentos sobre a edição contemporânea, que encontra na chamada “edição independente” – com toda a polissemia do termo e suas tensões, amplamente estudadas – um ponto crítico e inquietante.

Os artigos de Samara Mírian Coutinho, Letícia Santana Gomes y Vivian Stefanne Soares Silva (de Minas Gerais, Brasil) e de Lucía Coppari (de Córdoba, Argentina), não se aproximam apenas pela presença metafórica do “equilibrista” ou “malabarista” para caracterizar o editor independente e pela adoção de uma perspectiva bourdieusiana (complementada por Thompson, Gisèle Sapiro e Bernard Lahire), mas também por problematizar a “última ponta” do mercado: a relação com os públicos consumidores e leitores. As primeiras estudam as estratégias de comercialização de três editoras – Barbante, Negalilu e Polvilho, como parte de um “microcosmo” gráfico-independente. Em seu



artigo, as autoras analisam como se administram e mobilizam as distintas formas de capital em quatro canais de comercialização: feiras de publicações, pontos de venda fixos, lojas virtuais e vendas “diretas”.

Coppari, por sua vez, dá atenção a um “procedimento crítico” da cadeia de valor do livro: a distribuição dos exemplares físicos nas livrarias, uma tarefa que começa a ser pensada cada vez mais, tanto pelos editores independentes que se envolvem nela (em lugar de delegá-la), como pela pesquisa acadêmica. O artigo explora as modalidades associativas de distribuição desenvolvidas pelos editores por meio de diferentes agrupamentos: solidariedades que se concretizam fora das corporações tradicionais, de acordo com afinidades, necessidades e aspirações compartilhadas. Nessas práticas, que se produzem nos interstícios do capitalismo contemporâneo, Coppari reconhece “um modelo empresarial que paradoxalmente se sustenta na ética da autonomia, na realização do próprio projeto e, ainda, na resignação às seguranças laborais e na precarização de si”.

Os últimos três artigos do dossiê contribuem para pensar as relações entre a edição e outras indústrias culturais: a do audiovisual ampliado, a discográfica e também as chamadas redes sociais. Em outras palavras, analisam a edição no marco da convergência, entendida não só em termos tecnológicos, mas também culturais.

Fernando Cruz Quintana, do México, analisa em perspectiva histórica e econômica – que dá centralidade ao conceito de concentração – as adaptações de obras literárias para o cinema, a televisão e as plataformas de *streaming*. O autor argumenta que, embora não sejam novos o vínculo e a sinergia entre a indústria editorial e as indústrias do audiovisual, esses processos tiveram um notável incremento em anos recentes.

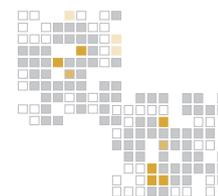
Já as pesquisadoras brasileiras Eliane Hatherly Paz e Marília de Araújo Barcellos fazem um

panorama recente do ecossistema de produção de livros narrados, enfocando aqueles feitos por editoras brasileiras que tradicionalmente têm produzido obras em formato impresso e que contam com capital financeiro para investir na conversão de seu catálogo em audiolivros digitais.

Finalmente, Sandra Depexe e Fernanda Redin Oliveira, da Universidade Federal de Santa Maria, abordam o caso de *Arlindo*, que teve início como *webcomic* no Twitter e logo foi lançado em versão impressa pela editora Seguinte. Para as autoras, o capital acumulado nas redes sociais tornou possível a campanha de financiamento coletivo e construiu a base de leitores que garantiu o êxito da publicação em papel. Destacam, assim, que a cultura da convergência – entendida nos termos de Henry Jenkins – contribui para a promoção de quadrinhos independentes e argumentam que os formatos digitais não constituem uma ameaça para os livros impressos, muito pelo contrário.

Não é casual que esses últimos dois artigos, e outros mencionados antes, retomem a obra de John B. Thompson para pensar as mudanças que a revolução digital provocou no campo editorial. As contribuições do pesquisador britânico em trabalhos como *Mercadores de cultura* e *As guerras do livro* têm sido fundamentais para os estudos da edição. Na entrevista que o autor concedeu e que consta neste dossiê, ele atesta: “A revolução digital estimulou o desenvolvimento de novas esferas dinâmicas da atividade editorial que estavam à margem do setor e permitiram a escritores e leitores interagirem de novas formas, sem a mediação dos guardiães tradicionais do mundo editorial”. Nessa entrevista, Thompson aborda temas relevantes dessa agenda de estudos e propõe uma reflexão metodológica para a pesquisa em edição, que é válida também para pensar o conjunto das indústrias de cultura e de comunicação.

A transformação digital da indústria constitui também um desafio para a formação de



profissionais. Tal como é analisado na seção Estudos, os cursos de Editoração, Edição e Produção Editorial encontram-se hoje numa encruzilhada, entre um enquadramento clássico, vinculado à produção de livros impressos, e uma definição mais ampla de edição que tende a incorporar outros segmentos da economia criativa, com uma versatilidade para trabalhar num entorno digital e multiplataforma que constitui a contraface da precarização do trabalho no setor. O assunto é abordado por José de Souza Muniz Jr., num artigo que traça um panorama dessa formação no Brasil, onde as primeiras ofertas acadêmicas datam da década de 1970 e tiveram um impulso especial no início deste século. Cabe mencionar o caráter anfíbio

destacado pelo autor, que certamente podemos rastrear em todo o continente e que tem como principais ancoragens disciplinares a Literatura e a Comunicação, o que confirma a pertinência da temática para a ***Revista Latino-Americana de Ciências da Comunicação***.

Não nos resta mais do que agradecer aos autores e autoras que responderam à convocatória, aos/às colegas que trabalharam de forma desinteressada no processo de avaliação por pares e à equipe editorial que tornou possível esta publicação. Esperamos que este número da revista seja um vetor a mais para potencializar as contribuições desse campo às perguntas contemporâneas sobre a edição.

José de Souza Muniz Jr.
Iñaki Vázquez Álvarez
Daniel Badenes

